

## **SIGNIFICADOS DAS DANÇAS DE SALÃO PARA SEUS PRATICANTES: OLHARES DOS ALUNOS DE UM PROGRAMA DE ATIVIDADE FÍSICA E QUALIDADE DE VIDA DE JUIZ DE FORA**

Annelise Gomes de Paiva<sup>1</sup>, Neil Franco<sup>2</sup>, Carlos Alberto de Andrade Coelho Filho<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Especialista em Educação Física Escolar pelo Centro Universitário Internacional. Graduação em Bacharelado e Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestranda em Educação na UFJF. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa Corpo, Culturas e Diferença (GPCD).

<sup>2</sup> Doutor, Mestrado em Educação e Graduado (licenciatura) em Educação Física pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor Adjunto da Universidade Federal de Juiz de Fora (Faculdade de Educação Física e Desportos) e Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa Corpo, Cultura e Diferença (GPCD).

<sup>3</sup> Doutor em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Educação Física, Especialista em Ciência do Treinamento Desportivo e Graduado (Licenciatura Plena) em Educação Física pela Universidade Gama Filho. Professor Titular da Universidade Federal de Juiz de Fora (Faculdade de Educação Física e Desportos) e Membro do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos de Juiz de Fora.

*Correspondência para:* annelise.paiva@estudante.ufjf.br

*Submetido em 09 de setembro de 2021*

*Primeira decisão editorial em 29 de dezembro de 2021.*

*Segunda decisão editorial em 20 de março de 2022.*

*Aceito em 20 de junho de 2022*

### **RESUMO**

Esta pesquisa tem como objetivo descrever, analisar e problematizar os significados atribuídos às Danças de Salão (DS) por praticantes vinculados ao Programa de Atividade Física e Qualidade de Vida da Prefeitura de Juiz de Fora. Trata-se de uma pesquisa qualitativa. A construção dos dados empíricos se deu por meio de quatro grupos de conversação. Para a discussão, os significados das DS foram divididos em três eixos: significados e objetividade físico-biológica; significados e subjetividade; significados e relações sociais. Em cada eixo, foi apresentado um quadro com os dados quantitativos, em que são destacados alguns elementos. Evidenciam-se benefícios físicos (biológicos), psicológicos e sociais com a prática

das DS. O sentimento de grupo e o compartilhamento de significados das DS pelos participantes do estudo apontam para a possibilidade de estruturação de uma identidade cultural, bem próxima da perspectiva de Hall (2016; 2020).

Palavras-chaves: Dança de Salão; Significado; Estudos Culturais

## **MEANINGS OF BALLROOM DANCE FOR ITS PRACTITIONERS: PERSPECTIVES OF STUDENTS FROM A PHYSICAL ACTIVITY PROGRAM IN JUIZ DE FORA**

### **ABSTRACT**

This research aims to describe, analyze and problematize the meanings attributed to Ballroom Dance (BD) by practitioners who attend a program of physical exercises provided by the government of Juiz de Fora (MG). This is a qualitative research in which the production of empirical data happened through four conversation groups. For the discussion, the meanings of Ballroom dance were divided into three axes: meanings and physical-biological objectivity; meanings and subjectivity; meanings and social relationships. In each axis, a table with quantitative data was presented, in which some relevant elements were highlighted. There are physical (biological), psychological and social benefits with the practice of BD. The feeling of belonging to a group and sharing meanings about BD related by the participants point to the possibility of structuring a cultural identity, very close to Hall's(2016; 2020) perspective.

**Keywords:** Ballroom Dance; Meaning; Cultural Studies

## **SIGNIFICADOS DEL BAILE DE SALÓN PARA SUS PRACTICANTES: PERSPECTIVAS DE ESTUDIANTES DE UN PROGRAMA DE ACTIVIDAD FÍSICA Y CALIDAD DE VIDA EN JUIZ DE FORA**

**RESUMEN:** Esta investigación tiene como objetivo describir, analizar y problematizar los significados atribuidos a los Bailes de Salón (BS) por los practicantes vinculados al Programa de Actividad Física y Calidad de Vida de La Municipalidad de Juiz de Fora. Esta es una investigación cualitativa. La construcción de datos empíricos se llevó a cabo a través de cuatro grupos de conversación. Para La discusión, los significados de BL fueron divididos entres ejes: significados y objetividad físico-biológica; significados y subjetividad; significados y relaciones sociales. En cada eje, se presentó una tabla con datos cuantitativos, em la que se destacan algunos elementos significativos. Hay beneficios físicos (biológicos), psicológicos y sociales com La práctica de BL. El sentimiento de grupo y La puesta em común de significados de los bailes de salón por parte de los participantes Del estudio apuntan a La posibilidad de estructurar una identidad cultural, muy cercana a la perspectiva de Hall (2016; 2020).

**Palabras llave:** Bailes de Salón; Sentido; Estudiosculturales

### **Introdução**

Quais os significados atribuídos às Danças de Salão (DS) por praticantes dessa modalidade, vinculados ao Programa de Atividade Física e Qualidade de Vida (PAFQV) da Prefeitura de Juiz de Fora (PJF-MG)? Essa questão deu início ao meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Bacharelado em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em 2010. Agora, em 2022, como mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da UFJF, ao cursar a disciplina “Corpo, Culturas e Diferença: implicações para o

campo educacional”, com a leitura de Stuart Hall, vejo-me inspirada a ressignificar aquela pesquisa, em parceria com meus orientadores; no caso, do TCC do Bacharelado em Educação Física (EF) e do Mestrado em Educação.

Escolhi as DS como tema, tanto do meu TCC quanto da minha dissertação de mestrado, por conta do lugar especial que elas ocupam na minha história, já que escolhi a graduação em EF com intuito de ser professora de dança. Refletindo sobre as DS, podemos nos perguntar: afinal, o que vêm a ser essas modalidades de dança? Elas são dançadas a dois, com contato entre o casal, que desenvolve passos variados, deslocando-se pelo salão. São passos harmônicos relacionados à parceria e à música. As DS são normalmente praticadas em reuniões sociais, e elas podem ou não estar associadas a aspectos técnicos e ao desempenho (VOLP, 2010). Quanto aos pontos a serem considerados no ensino das DS, Volp (2010) observa, dentre eles: técnica de postura, uma vez que cada um precisa ter controle do seu próprio peso e organizar-se em função do outro; execução de passos, porque cada ritmo tem suas características próprias; técnica de conduzir e ser conduzido, já que é fundamental desenvolver a sensibilidade e a percepção dos próprios movimentos e dos movimentos do outro; percepção rítmica para que os movimentos sejam expressos em harmonia com a música; história de cada ritmo e sua origem, para entender o aspecto cultural da dança; apreciação de danças, para desenvolver a estima própria e a criticidade; etiqueta de salão, relacionada ao conjunto de comportamentos éticos que vão contribuir para que para a dança possa fluir nos bailes; estímulo à criação em dança, para oportunizar o surgimento de novos passos e descolamentos. Tendo em vista esses elementos, compreendemos as DS como objeto potencial de um estudo cultural.

Hall (2016, p.20) diz que a cultura é um “conjunto de práticas”. Na reflexão do autor, “[...] cultura diz respeito à produção e ao intercâmbio de sentidos – o ‘compartilhamento de significados’ - entre os membros de um grupo ou sociedade”. Nesse sentido, se dois indivíduos interpretam o mundo de forma semelhante e compreendem o outro ao expressar seus pensamentos e sentimentos, podemos afirmar que esses dois sujeitos pertencem à mesma cultura. Portanto, “[...] a cultura depende de que seus participantes interpretem o que acontece ao seu redor e ‘dêem sentido’ às coisas de forma semelhante” (HALL, 2016, p.20).

Tendo em vista a reflexão de Hall (2016), partimos da premissa de que os sujeitos da pesquisa compartilham elementos culturais similares, transitam por redes de significados comuns, permitindo que a prática das DS seja interpretada em sentido semelhante. Dessa

forma, propomos contextualizar os significados compartilhados, as interpretações e os sentidos atribuídos a essa prática, por praticantes vinculados ao PAFQV/PJF-MG.

A ideia de “dar sentido” é um ponto importante na reflexão de Hall (2016). Segundo o autor, o modo de utilizar e integrar as práticas cotidianas são como nós damos sentido às coisas, assim “[...] damos significados a objetos, pessoas e eventos por meio de paradigmas de interpretação que levamos a eles” (HALL, 2016, p.21). Indo além,

[...] nós concedemos sentidos às coisas pela maneira como as *representamos* – as palavras que usamos para nos referir a elas, as histórias que narramos a seu respeito, as imagens que delas criamos, as emoções que associamos a elas, as maneiras como as classificamos e conceituamos, enfim, os valores que nelas embutimos. (HALL, 2016, p.21)

Como as DS envolvem a expressão corporal e o diálogo entre corpos, ou seja, corpos em movimento e interação, recorremos a Daolio (1995) para embasar a discussão, que se edifica assentada na idéia de “corpo cultural”. Conforme esse autor, o corpo é uma síntese da cultura, pois expressa elementos específicos da sociedade em que está inserido. Mais ainda, Daolio (1995) nos diz que o ser humano vai assimilando e se apropriando de valores, normas e costumes sociais através do seu corpo, em um processo de “inCORPOração”. Sem estar obviamente restrito a um aprendizado intelectual, um conteúdo cultural se instala no corpo, no conjunto de expressões.

Nesse contexto, refletimos sobre as DS a partir: das palavras usadas para se referirem a elas; das histórias narradas e das imagens criadas a seu respeito; dos sentimentos associados a elas; de como são conceituadas e classificadas; dos valores que lhes são atribuídos pelos alunos do PAFQV/PJF-MG. Sendo assim, objetivamos descrever, analisar e problematizar os significados atribuídos às DS por praticantes vinculados ao PAFQV/PJF-MG.

Além da introdução, o estudo se estrutura em seis seções. Na primeira, descrevemos o percurso metodológico e caracterizamos a pesquisa. Em seguida, nas três próximas seções, apresentamos os resultados e as discussões a partir dos significados das DS que emergiram nos grupos de conversação, e suas relações com os referenciais teóricos. Por fim, apresentamos as conclusões nas considerações finais, seguidas pelas referências.

## **Metodologia**

Partindo da ideia de que nos propomos a pesquisar significados, assumimos, com isso, que nos aproximamos de enunciados, da subjetividade, de “olhares...”. Como nos diz Veiga-

Neto (2007, p. 31), “[...] os enunciados fazem mais do que uma representação do mundo, eles produzem o mundo”. Nesse sentido, “[...] assume imensa importância compreender a representação como produto de uma exterioridade em que cada um se coloca e a partir da qual cada um traz, a si e aos outros, o que ele entende por mundo real”.

O presente estudo se caracteriza como de abordagem qualitativa, motivado pela “[...] construção de um modelo teórico como via de significação da informação produzida, a qual não está fragmentada em resultados parciais associados aos instrumentos usados, mas está integrada em um sistema cuja inteligibilidade é produzida pelo pesquisador” (GONZALEZ REY, 2005, p.103). Além disso, o estudo ancora-se na correlação de fontes empíricas e bibliográficas, destacando Hall (2016, 2020) e referenciais específicos das DS que abordam os aspectos sociais, culturais e físicos dessa modalidade de dança.

A pesquisa foi realizada no PAFQV/PJF-MG, com os participantes das aulas de DS, e aconteceu entre agosto e setembro de 2010. Esse programa é oferecido de forma gratuita pela PJF aos servidores públicos municipais e, em julho de 2022, completou 18 anos de funcionamento. Ele tem como principal objetivo estimular a prática de atividade física, com foco na qualidade de vida. Na época em que os dados foram coletados, o PAFQV oferecia aulas de *yoga* e *pilates*, com duração de 1 hora, funcionando durante a semana na parte da manhã, das 07 horas às 09 horas. As aulas de DS, com duração de 1 hora e 30 minutos, aconteciam durante a semana à noite, de 18 horas às 21 horas. Atualmente, além das modalidades que eram oferecidas em 2010, o programa oferece aulas de treinamento funcional, *jazz*, *zumba* e danças folclóricas.

Os dados empíricos foram coletados em quatro grupos de conversação. Para orientar a realização dos grupos, recorreremos à “conversação” proposta por Gonzalez Rey (2005). Para o autor, os sistemas conversacionais permitem que o pesquisador se desloque do lugar central de fazer perguntas para se integrar em uma dinâmica de conversação. Trata-se de dinâmica que, tomando diversas formas, é responsável pela produção de um tecido de informações que envolvem os participantes com naturalidade e autenticidade.

Nos dias da coleta de dados, as aulas foram divididas em dois momentos de 45 minutos: o primeiro para prática das DS e o segundo para a realização da dinâmica conversacional. O convite para participar da pesquisa foi feito previamente, assim como a explicação sobre o estudo e a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>Vale destacar que esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Juiz de Fora, sob o número de registro CAAE: 0135.0.180.000-10. Os TCLEs foram assinados pelos/as colaboradores/as no dia em que os grupos de conversação foram realizados.

(TCLE). Os alunos ficaram à vontade para escolher participar ou não da pesquisa. O quadro abaixo detalha sobre a construção destes dados empíricos:

**Quadro 1: Descrição das entrevistas**

	<b>Data</b>	<b>Horário</b>	<b>Homens (H)</b>	<b>Mulheres (M)</b>
<b>1º grupo de conversação</b>	31/08/2010	18:45h	5	9
<b>2º grupo de conversação</b>	01/09/2010	18:45h	6	8
<b>3º grupo de conversação</b>	02/09/2010	18:45h	5	6
<b>4º grupo de conversação</b>	02/09/2010	20:15h	1	6
<b>Total: 43 pessoas</b>			17	26 <sup>2</sup>

Fonte: Autora e autores (2022)

Para estimular as reflexões durante os grupos de conversação, foram propostas as seguintes questões:

- (1) Por que vocês iniciaram a prática das DS?
- (2) Vocês perceberam alguma mudança em suas vidas após o início dessa prática?
- (3) O que as DS representam para vocês?

Ainda que estimulados por questões norteadoras, os grupos de conversação aconteceram de forma livre, permitindo que a interação entre os participantes acontecesse num clima de descontração. Como diz Gonzalez Rey (2005), quando os participantes, inclusive o pesquisador, são levados a se sentirem sujeitos do processo, isso facilita a expressão por meio de suas necessidades e interesses. Dessa forma, “[...] cada participante atua nas conversações de forma reflexiva, ouvindo e elaborando hipóteses por intermédio de posições assumidas por ele sobre o tema de que se ocupa” (GONZALEZ REY, 2005, p. 45-46).

Os grupos de conversação foram gravados e posteriormente transcritos para a análise e problematização dos dados construídos. Nas transcrições, a fim de garantir o anonimato, os colaboradores são renomeados. Os significados das DS foram divididos em três eixos de discussão, que são eles: significados e objetividade físico-biológica; significados e subjetividade; significados e relações sociais. Cabe destacar que os eixos de discussão foram consolidados nesta versão da pesquisa, o que faz com que ela assuma contornos diferentes dos que se estabeleceram no TCC do Bacharelado em Educação Física. Em cada eixo de discussão, é apresentado um quadro com os dados quantitativos, e, em seguida, são destacadas algumas falas significativas para as análises e discussões.

---

<sup>2</sup>O número de colaboradoras não foi o somatório direto porque a coordenadora do PAFQV participou dos quatro grupos de conversação. Portanto, ela foi incluída no número de colaboradoras em cada uma das entrevistas, mas, na hora de apresentar o total de sujeitos, foi incluída apenas uma vez.

Para a construção dos quadros com os dados quantitativos, no primeiro momento, atribuímos o significado a cada participação nos grupos de conversação. Na sequência, separamos os significados de cada eixo de discussão. Por último, contabilizamos o número de vezes que cada significado apareceu nas falas dos homens (H) e das mulheres (M), de acordo com o eixo de discussão, e organizamos os resultados nos quadros a fim de facilitar a visualização e o entendimento. Vamos dar continuidade ao texto com a apresentação e a discussão de cada eixo temático, sem perder de vista nosso objetivo principal que é descrever, analisar e problematizar os significados atribuídos às DS por praticantes vinculados ao PAFQV/PJF-MG.

### Significados e objetividade físico-biológica

Neste eixo de discussão, agrupamos os significados relacionados à objetividade físico-biológica dos participantes das conversações, que são: prática de atividade física; contribuição no tratamento de alguma doença; melhora da postura e das capacidades físicas. O quadro abaixo descreve de forma mais detalhada essas informações:

**Quadro 02: Quantitativo dos significados relacionados à objetividade físico-biológica**

Significados	1º grupo de conversação		2º grupo de conversação		3º grupo de conversação		4º grupo de conversação		Total
	H	M	H	M	H	M	H	M	
Prática de atividade física (AF)	2	4	1	1	2	5	0	3	18
Contribuição no tratamento de uma doença	1	1	1	1	0	1	0	0	5
Melhora da postura	0	0	2	1	1	1	0	0	5
Melhora do equilíbrio	0	1	0	0	0	1	0	0	2
Melhora da lateralidade	0	0	0	0	0	1	0	1	2
Melhora da coordenação	0	0	0	0	0	0	0	1	1

Fonte: Autora e autores (2022)

Como se observa no quadro, para 18 participantes – 13 mulheres e 5 homens, as DS representam uma prática de atividade física (AF), sendo às vezes a única com que se identificam. Palma (2010) nos fala sobre o estímulo à prática da AF, pautada na noção de causa e efeito entre AF e saúde. Para o autor, essa relação faz com que o indivíduo se sinta culpado pela sua condição sedentária, já que esta, além de depender dele próprio, pode comprometer sua condição de saúde. A “obrigação” de se praticar AF foi verificada em alguns depoimentos:

Acho que depende daquilo que você gosta, porque eu bati muito na questão de ter que fazer uma atividade física. Procurava uma coisa, ia; sabe aquela coisa de ir por obrigação, aí, você chega lá e está doida para acabar com isso. Então, eu sempre fui fazer hidroginástica, ia fazer outras coisas e acabava que eu não conseguia manter aquilo. Não é questão de preguiça, é questão de você se adaptar. E olha que eu cheguei e não sabia dançar. Então, eu acho que depois de um ano eu já peguei bastante coisa. (Colaboradora 07, 1º grupo, 2010)

É importante destacar que as dimensões da eficácia e da técnica não podem ser relacionadas, de forma isolada, aos aspectos físicos do corpo, porque ele é expressão da cultura. Por isso, devemos considerar também os aspectos estéticos, subjetivos e simbólicos das práticas corporais (DAOLIO, 2004). No depoimento a seguir, da colaboradora 32, percebemos nuances dessas outras dimensões quando ela fala sobre a permanência nas aulas de DS, aliada ao “prazer” e ao “emocional”.

Entrei procurando uma atividade física por problemas de saúde. Tenho certa resistência com esse negócio de musculação, academia. Já tentei várias vezes e eu acabo parando. E esse é o único exercício que me segurou, entendeu? Que eu consegui realmente ficar, porque alia à atividade física com o prazer, você trabalha o emocional. (Colaboradora 32, 3º grupo, 2010)

Importante ressaltar que, tanto nas falas anteriores como na que destacamos em seguida do colaborador 01, aparece o prazer como um dos motivos encontrados na prática das DS, favorecendo a manutenção da AF, ao contrário de outras atividades, que geraram abandono. Esse aspecto do prazer relacionado à prática das DS foi recorrente em muitos relatos, o que nos permite associá-las a uma “[...] cultura eminentemente simbólica, como uma teia de significados” (DAOLIO, 2004, p.11).

Tenho a vida muito sedentária. Outra coisa, sou preguiçoso, tenho preguiça de andar. Então, isto para mim foi uma coisa pra mexer com meu corpo e uma diversão também. A primeira coisa é o prazer que a gente tem. A segunda coisa é um meio, e pela vida sedentária que eu tenho que eu levo, de fazer algum movimento, porque a vinda aqui a gente faz uma ginástica de vez em quando, uns alongamentos. Isso ajuda muito a gente. Porque, como eu digo, sou realmente preguiçoso, não faço caminhada, não ando de bicicleta, não jogo bola, não faço natação. Eu vou para o clube, sento-me à mesa de buraco, fico jogando buraco. Então, atividade física eu não tenho, estou tendo atividade física aqui. (Colaborador 01, 1º grupo, 2010)

Outro ponto a se considerar neste eixo de discussão é a melhora das capacidades físicas, relatada pelos colaboradores. Ela pode estar relacionada à prática de uma AF e ao abandono de um estilo de vida sedentário. Em um estudo com mulheres idosas que frequentaram aulas de DS por um período de 12 semanas, Bocalini (2007) mostrou um aumento da aptidão física e registrou uma diferença significativa na melhoria das variáveis neuromotoras, como na flexão de antebraço e no sentar na cadeira e no levantar dela, entre outras. Nesse diapasão, Everton Abreu (2008) aponta os benefícios das DS, dentre os quais estão o desenvolvimento da coordenação motora, do ritmo, da percepção espacial e da musculatura.

Mais do que a melhora das capacidades físicas, precisamos considerar o processo de “inCORPOração” proposto por Daolio (1995, p. 25):

O corpo é uma síntese da cultura, porque expressa elementos específicos da sociedade da qual faz parte. O homem, através do seu corpo, vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais, num processo de inCORPOração (a palavra é significativa). Mais do que um aprendizado intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões.

Quando a colaboradora 07 conta de sua afeição pelas DS, conteúdo do qual não tinha conhecimento, ou a colaboradora 32 discorre sobre seu entendimento de que as DS alinham atividade física e prazer, aspecto também corroborado pelo colaborador 01, exaltam que um “conteúdo cultural” é produzido e assimilado pelos sujeitos, explicitando o processo de “inCORPOração” descrito por Daolio (1995).

No próximo eixo temático, buscamos ir além do que foi indicado acima, elencando significados que se relacionam aos sentimentos e aos valores atribuídos às DS.

### **Significados e subjetividade**

Tratamos neste eixo sobre os significados que se relacionam a valores abstratos, atribuídos às DS. Emergiram com maior representatividade nos grupos de conversação, os seguintes significados: prazer e diversão; alívio do estresse e relaxamento; autoestima; diminuição da timidez; superação, lidar com o erro e desafio. Assim como no tópico anterior, o quadro03 foi utilizado para descrever essas informações de forma mais detalhada:

**Quadro 03: Quantitativo dos significados relacionados à subjetividade**

Significados	1º grupo de conversação	2º grupo de conversação	3º grupo de conversação	4º grupo de conversação	Total

	H	M	H	M	H	M	H	M	
Prazer e diversão	3	4	2	4	4	4	0	4	25
Alívio do estresse / Relaxamento	0	6	1	3	2	0	1	2	15
Autoestima	3	4	1	2	1	1	0	0	12
Diminuição da timidez	2	0	2	1	1	1	1	1	9
Superação / lidar com o erro / desafio	0	0	2	2	2	1	0	2	9
Contribuição no tratamento da depressão	0	1	0	1	0	1	0	1	4
Terapia	0	3	0	0	0	0	0	1	4
Criatividade	1	0	0	0	1	0	0	0	2

Fonte: Autora e os autores (2022)

Para Volp (1995), as DS são uma atividade prazerosa, e esse prazer pode ser entendido como satisfação plena, uma vez que a dança possui regras e objetivos claros, retorno imediato (pela sincronia entre os parceiros), contribuindo para que a pessoa se entregue ao ato de dançar, afastando-se de preocupações cotidianas dos fazeres laborais e educacionais. Esse afastamento de preocupações parece evidente no relato de alguns dos sujeitos:

Às vezes, você está estressado no serviço, está nervoso, preocupado. Aí, você chega aqui, é uma atividade que você relaxa; consegue voltar para o seu trabalho com um algo mais, um jogo de cintura. (Colaborador 01, 1º grupo, 2010)

A questão do estresse, de chegar aqui de um dia cansado de faculdade..., e aqui conseguir esquecer disso tudo, chegar em casa até um pouquinho mais disposto a estudar. Têm diversos fatores que ajudam. (Colaborador 33, 3º grupo)

Considerando as falas anteriores dos colaboradores 01 e 33, bem como a que aparece abaixo da colaboradora 26, parece-nos coerente interpretar, com base em Abreu (2008), que as DS se relacionam a aspectos estéticos e simbólicos, proporcionando benefícios como aumento das relações sociais e melhora da autoestima. O relato sugere que a prática das DS pode potencializar uma mudança pessoal:

Quando entrei aqui [no PAFQV/PJF-MG] foi um momento muito difícil para mim. Estava muito deprimida, bem lá no fundo do poço mesmo. Foi o fim do meu casamento. Aí, resolvi que ou eu levantava ou ia para o fundo mesmo. Então, decidi não me entregar a remédio, não me entregar a doença. A primeira coisa que fiz foi entrar para aula de dança. E a vida mudou completamente, aumentou a autoestima, melhorou minha aparência física. Pessoas que não me veem há um tempo, falam: “nossa, você está tão diferente!” Realmente, quando eu

fico olhando fotos de três, quatro anos atrás..., estou outra pessoa, muito diferente, muito bem. (Colaboradora 26, 2º grupo, 2010)

A colaboradora 26, ao dizer sobre a mudança em sua vida, sobre o aumento da autoestima e até mesmo sobre a melhora da aparência física, evidencia a relação da prática das DS com o processo de “inCORPOração” proposto por Daolio (1995). Trata-se do corpo como expressão da cultura e dos seus significados partilhados socialmente, designando valores, crenças e posturas que levam pessoas a se unirem e a se identificarem, produzindo e assimilando “conteúdos culturais” que assumem sentidos particulares para um determinado grupo.

Remetendo a outros “conteúdos culturais” produzidos e assimilados pelos sujeitos em suas interações sociais (DAOLIO, 1995), Abreu (2008) afirma que as DS são uma excelente atividade física que motiva e que quebra a timidez, aspecto que podemos observar no relato:

É mais fácil para mim cantar do que falar. Estou lá no palco e acabo ali. Agora, ter que falar alguma coisa, é diferente. E na dança..., foi mais um passo por causa da timidez, porque eu sou um rapaz bem tímido e a dança ajudou bem. Na dança de salão, você conhece as pessoas e fala, você perde aquele medo. (Colaborador 14, 1º grupo, 2010)

O colaborador 14 elabora sobre conhecer pessoas e perder o medo de falar, o que nos remete à ideia do grupo de indivíduos que criam laços, compartilham sentimentos, pensamentos, portanto, subjetividades. Estão conectados a partir de uma cultura local que, por sua vez, também carrega marcas de uma cultura nacional que nos situa como sujeitos de uma nação (HALL, 2020). Uma nação de corpos dançantes, como aponta Isabel Marques (2003), fazendo do Brasil um país onde a dança é de domínio público, com efeito, um país democrático, peculiar, vibrante e plural.

Inspirados em Hall (2020), sublinhamos a construção de uma representação que toma forma a partir das relações entre identidade e diferença. As diferenças, delineadas pelos corpos dos colaboradores da PAFQV/PJF-MG, demarcam também identidades distintas, que lhes permitem produzir representações que culminam em uma identidade grupal, conectada pelo sentimento de partilha, de solidariedade, pelo desejo de encontro e vivência do prazer despertado pela prática da dança.

No próximo tópico, abordamos os significados que dialogam com as relações sociais, de modo a evidenciar o sentimento de grupo e nos levava pensar na constituição de uma “identidade cultural”.

### Significados e relações sociais

Os significados, que emergiram a partir das relações sociais, são apresentados no quadro abaixo:

**Quadro 04: Quantitativo dos significados relacionados a relações sociais**

Significados	1º grupo de conversação		2º grupo de conversação		3º grupo de conversação		4º grupo de conversação		Total
	H	M	H	M	H	M	H	M	
Socialização	3	2	5	2	3	3	1	1	20
Carinho e acolhida do grupo	2	3	3	3	0	0	1	2	14
Relação com o parceiro de DS	0	1	1	1	0	2	1	3	9
Diminuição do consumo de bebidas alcoólicas nos bailes de DS	2	2	1	0	0	0	0	0	5
Participação nos bailes de DS	1	2	0	0	0	0	0	0	3

Fonte: Autora e autores (2022)

A socialização foi muito citada entre os praticantes. Algumas vezes, as pessoas buscam as DS por se sentirem muito sozinhas, encontrando, nessa prática, um grupo de amigos, como elabora uma das colaboradoras:

Sem falar das amizades que a gente fez aqui. Como você falou, não é só aqui na aula de dança. A gente se encontra na rua, tem prazer em encontrar um colega da aula de dança. A gente fica feliz em aumentar o círculo de amizades. Isso é muito bom para o ser humano. (Colaboradora 19, 2º grupo, 2010)

Associados à socialização, o carinho e a acolhida do grupo são destacados, como se pode observar nas falas a seguir:

Nós não viemos aqui só para dançar, a gente tem a oportunidade de conhecer outras turmas. Estamos sempre juntos. Isto é muito bom! A convivência é maravilhosa. E o resultado daqui eu consegui levar para minha família e para o meu trabalho. Eu fiquei mais tranquila, e essa tranquilidade que eu adquiri aqui contribuiu muito para minha recuperação [depressão]. Hoje, sempre falo com todo mundo que sou muito grata a essa oportunidade que eu tive aqui. (Colaboradora 04, 1º grupo, 2010)

O que a gente nota aqui também é que todas as pessoas convivem num âmbito familiar. A gente chega aqui e se sente bem no meio dos companheiros. Tem gente de todas as secretarias, a gente interage com todas as secretarias. Isto é muito bom, inclusive para própria prefeitura. (Colaborador 01, 1º grupo, 2010)

Como assinala Volp (1995), as DS podem ser um veículo facilitador para a união, já que existe uma atitude prazerosa em dividir dificuldades com um colega, e existe, ainda, uma cooperação e uma discussão sobre essas dificuldades. Esse processo, “[...] ao mesmo tempo que une as pessoas em um grupo com objetivos comuns, desenvolve a sociabilidade, ensina a aceitar o outro, respeitar as diferenças e dividir satisfações” (VOLP, 1995, p. 57). Vejamos o que diz a colaboradora:

Uma coisa que eu aprendi muito foi a de ter que lidar com os meus erros, com o erro do outro. A primeira apresentação que a gente fez, acho que todo mundo lembra porque teve uma passagem muito engraçada. Eu e meu parceiro..., deu um branco no meio do central [Cine-Teatro Central de Juiz de Fora]. Nós, simplesmente, esquecemos todos os passos. Aí eu virei para ele e falei assim: “vamos fazer o básico”. Eu e ele no básico e todo mundo fazendo aquele monte de coisa e tal. A gente aprende a lidar com os erros do outro. Essa coisa da ajuda, de você estar com dificuldade e pedir a ajuda do colega. Essa coisa de ter que conversar aceitar as diferenças. Aqui a gente passa um ano inteiro juntos. (Colaboradora 18, 1º grupo, 2010)

O sentimento de grupo e a forma como se exalta a interação entre os participantes nos fazem pensar na constituição de uma identidade cultural. Para Hall (2020), o núcleo interior do sujeito não é autônomo ou autossuficiente, mas formado pelas relações com pessoas que lhe mediam os valores, os sentidos e os símbolos (a cultura), ou seja, pessoas importantes para ele. Em seus relatos, os colaboradores 01 e 04 reafirmam essa mediação de valores relacionados ao acolhimento, à amizade estruturada que os impulsiona a “estarem sempre juntos”, à construção de sentidos e símbolos associados a uma “convivência de âmbito familiar” que os leva, como dito, respectivamente, pelas colaboradoras 19 e 18, a “ficar feliz e aumentar o círculo de amizades”, a “conversar e aceitar as diferenças”.

Assim, o intercâmbio entre o eu e a sociedade é que forma a identidade. Conforme Hall (2020, p. 11), o sujeito “tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem”. No que se refere ao PAFQV/PJF-MG, programa que visa ao atendimento a funcionários da PJF, o diálogo também acontece entre pessoas de

várias secretarias, como expressado pelo colaborador 01. Remete-nos, assim, a uma concepção sociológica de identidade, descrita por Hall (2020), que completa um espaço entre o “interior” e o “exterior”, interligando a dimensão pessoal e à pública.

O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. (HALL, 2020, p. 11)

O mundo social e cultural que medeia as DS é acionado por significados e valores que remetem, muitas vezes, a uma expectativa de se “dançar bem”, fazendo “parte de nós”, contrastando, por exemplo, com o hábito de consumir bebida alcoólica em excesso, aspecto evidenciado no relato:

Em uma conversa que a gente já teve assim como essa...; ele não está aqui no momento, mas acho que é muito interessante. Ele comentou comigo que percebeu como diminuiu muito a bebida depois que começou a dançar. Percebeu a incompatibilidade de evoluir na dança, de fazer os passos com a bebida e quando ele bebia mais, porque sempre gostou de beber mais. Ele não conseguia evoluir. A dança pede mais movimento de coordenação, ritmo e equilíbrio. Como ele queria dançar bem...; percebeu que voltava para casa e já não voltava ruim. Eu acho interessante um depoimento desses, porque a gente nem pensa nisso. (Colaboradora 02, 1ª entrevista, 2010)

Ancorados em Hall (2020), interpretamos a mediação no consumo de bebida alcoólica como o alinhamento de sentimentos subjetivos com os espaços objetivos que o participante do programa (mencionado pela colaboradora 02) pretendia ocupar naquela dimensão do “mundo social e cultural”, reafirmado, também, por outros dois participantes do PAFQV/PJF:

Danço a noite toda sem beber, tomo água. (Colaboradora 09, 1º grupo, 2010)

É uma das vantagens. Pessoal lá vê em cima das mesas: água, coca cola. Outro ambiente, graças a Deus! (Colaborador 01, 1º grupo, 2010)

Compreendemos, portanto, que a constituição de uma identidade cultural pautada nas DS, em uma perspectiva de coletividade, oferece benefícios para o corpo, os quais são, concomitantemente, biológico, psicológico e social.

## Considerações finais

Tendo em vista a análise e a interpretação dos dados coletados no presente estudo, concluímos que as DS abarcam variados significados, dentre os quais o de uma prática prazerosa e divertida que proporciona benefícios para o corpo, os quais são biológico, psicológico e social. Destacam-se, então, indícios de que as DS geram significados que são compartilhados pelo grupo e que podem ser descritos pelas seguintes proposições: 1) representam carinho e acolhida dos colegas, mas também “atividade física” e terapia; 2) contribuem com o tratamento de alguma doença, incluindo-se os quadros depressivos; 3) melhoram a postura, as capacidades físicas e a autoestima; 4) aliviam o estresse e relaxam; 5) atenuam a timidez; 6) favorecem a superação, a diminuição do consumo de álcool nos bailes e a lida com o erro e com o desafio; 7) potencializam a criatividade e a socialização.

Além disso, o sentimento de grupo e o compartilhamento de significados entre os participantes permitem apontar para a constituição de uma identidade cultural (HALL, 2020, 2016). Com isso, fica o questionamento: a identidade cultural constituída pelos participantes do PAFQV/PJF-MG pode se estender a todos os praticantes de DS? Trata-se de questionamento que fica para ser respondido por novas pesquisas sobre as DS, afinal a nossa tão querida dança a dois, ainda que muito difundida e conhecida popularmente, não tem seu valor reconhecido no meio artístico e acadêmico, aspecto discutido por Franco *ET al.* (2021), ao contextualizarem as DS no contexto histórico.

Doze anos após a coleta de dados empíricos para o TCC do Bacharelado em Educação Física, a possibilidade de resgatar esses dados e desenvolver novo processo analítico representa um processo que, desde 2018, tem convergido no sentido de se pensar as DS como objeto de estudo acadêmico. Devem ser citados, como fruto desse trabalho, as seguintes produções: o livro “**Espetáculo Itinerante: história das danças de salão**” (FRANCO *ET al.*, 2022); a revisão sistemática de literatura intitulada “**Vamos dançar? Danças de Salão, Educação Física e Educação**” (FRANCO *ET al.*, 2022); e uma dissertação de mestrado em Educação (em curso) que interpreta os significados da formação acadêmica em EF na atuação profissional de professores de DS em Juiz de Fora. São estudos que têm como base as práticas pedagógicas em

DS desenvolvidas, por exemplo, no projeto de extensão “Pés de Valsa: danças de salão UFJF”<sup>3</sup>, que atende à comunidade interna e externa à universidade. Trata-se de um movimento que entrelaça o ensino, a pesquisa e a extensão e que consolida o compromisso da universidade pública como espaço de construção de conhecimento e sua disseminação.

### Referências

ABREU, Everton Vieira; PEREIRA, Luciane Terezinha Zermiani; KESSLER, Edio José. Timidez e motivação em indivíduos praticantes de dança de salão. **Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 6, p. 649-64, 2008. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637865>. Acesso em 24 ago. 2021.

BOCALINI, Danilo Santos; SANTOS, Rodrigo Nolasco dos; MIRANDA, Maria Luiza de Jesus. Efeitos da Prática de Dança de Salão na Aptidão Funcional de Mulheres Idosas. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 23-29, 2007. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/756/759>. Acesso em: 15 ago. 2021.

DAOLIO, Jocimar. Os significados do corpo para a cultura e as implicações para a Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v.2, n. 2, p. 24-28, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2184/0>. Acesso em: 03 jul. 2022.

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.

FRANCO, Neil *et al.* **Espetáculo Itinerante: história das danças de salão**. Nova Xavantina: Pantanal, 2021. 70 p. (As Raízes dos Ritmos: v. 1). Disponível em: <https://editorapantanal.com.br/ebooks/2021/espetaculo-itinerante-historia-das-dancas-de-salao-as-raizes-dos-ritmos-volume-i/ebook.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2022.

FRANCO, Neil *et al.* **“Vamos dançar? Danças de Salão, Educação Física e Educação”**. **Cadernos de Pesquisa, São Luís, v. 29, n. 3, p. 451-480, jul./set., 2022.** Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa>. Acesso em: 30 jan. 2023.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/pesdevalsaujf/>

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. 3. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2005. 203 p.

HALL, S. **Cultura e Representação**. PUC-Rio ed. Organização e revisão técnica: Arthur Ituassu. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016. 259 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020. 58 p.

MARQUES, Isabel A. Dançando na escola. *In*: MARQUES, Isabel A. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 15-33.

PALMA, Alexandre. Exercício Físico e Saúde; Sedentarismo e Doença: Epidemia, Causalidade e Moralidade. **Motriz**, Rio Claro, v.15, n.1, p.185-191, 2009. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/2273/2230>. Acesso em: 15 ago. 2021.

VOLP, Catia Mary. A Dança de Salão como um dos conteúdos de dança na escola. **Motriz**, Rio Claro, v.16, n.1, p. 215-20, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/20757>. Acesso em: 12 ago. 2021.

VOLP, Catia Mary; DEUSTCH, Silvia; SCHWARTZ, Gisele M. Por que dançar? Um estudo comparativo. **Motriz**, v.1, n.1, p. 52-8, 1995. Disponível em: <http://docplayer.com.br/4357720-Por-que-dancar-um-estudo-comparativo.html>. Acesso em: 24 ago. 2021.